

O IMPORTANTE É VIVER! A INTELLECTUAL COSETTE DE ALENCAR¹

Wagner Lopes da SILVA²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo abordar algumas crônicas, cartas e trechos do romance **Giroflê, giroflá**, de Cosette de Alencar (1918-1973), escritora e cronista radicada em Juiz de Fora, cidade do interior mineiro. Analisa-se a trajetória intelectual da romancista e cronista no periódico **Diário Mercantil** e contribuições da literata em outros periódicos mineiros, como o **Suplemento Literário do Minas Gerais**. Dessa maneira, constata-se a importância da autora para a cultura de sua cidade natal, Juiz de Fora. O recorte temporal das crônicas analisadas alcança o período entre 1958 até 1971. A metodologia deste trabalho é exploratória e documental.

Palavras-chave: Cosette de Alencar. Intelectual. Crônicas. Diário Mercantil. Giroflê, giroflá.

ABSTRACT

The present work aims to address some chronicles, letters and excerpts from the novel **Giroflê, giroflá**, by Cosette de Alencar (1918-1973), a writer and chronicler based in Juiz de Fora, a city in the interior of Minas Gerais. The intellectual trajectory of the novelist and chronicler in the **Diário Mercantil** periodical and the literary contributions of other periodicals from Minas Gerais are analyzed, such as the **Suplemento Literário do Minas Gerais**. Thus, the importance of the author for the culture of her hometown, Juiz de Fora, can be seen. The time frame of the analyzed chronicles spans the period between 1958 and 1971. The methodology of this work is exploratory and documentary.

Keywords: Cosette de Alencar. Intellectual. Chronicles. Diário Mercantil. Giroflê, giroflá.

INTRODUÇÃO

A palavra crônica tem sua origem na língua grega e se compõe a partir do radical grego *chronos*, que significa tempo. Daí o seu caráter contemporâneo: relato de acontecimentos do tempo de hoje, ou seja, relato de fatos do cotidiano (MOISÉS, 2014). Sendo assim, podemos entender crônica como um conjunto de acontecimentos, de fatos que são relacionados, seguindo uma ordem cronológica.

¹ Esta reflexão é resultado de parte da pesquisa desenvolvida para a dissertação de Mestrado intitulada **Por que a Laís está aqui? A intelectual em cena pública**, defendida no Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

² Mestre em Letras pelo Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). Bibliotecário na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). *E-mail:* wagnerlopez1@yahoo.com.br.

Continua Moisés (2014), destacando que “desde a consolidação da imprensa, com o advento do Romantismo, a crônica se caracterizou como uma seção de jornal ou revista em que se comentam acontecimentos do dia a dia (MOISÉS, 2014). Atualmente, podemos verificar que a crônica, muitas vezes, utiliza o jornal como veículo de informação. O cronista capta o cotidiano, visando se posicionar a respeito de temas relevantes, que devem ser debatidos pela sociedade.

Diante disto, o que se propõe neste artigo é analisar algumas crônicas e trechos do romance da escritora Cosette de Alencar, objetivando responder aos seguintes questionamentos: a partir de suas publicações, pode-se caracterizar Cosette de Alencar como uma intelectual? Qual a importância dos seus escritos para a sociedade juizforana?

Feitas estas considerações, na seção seguinte, teceremos algumas observações a respeito da biobibliografia da escritora Cosette de Alencar.

1 COSETTE DE ALENCAR

Não me importo que certas luzes me venham um pouco tarde, o essencial é que me venham. Antes confuso do que cego, antes tarde do que nunca (ALENCAR, 1971, p. 237).

Cosette de Alencar nasceu em Juiz de Fora (MG) em 18 de janeiro de 1918 e faleceu em 10 de julho de 1973, nesta mesma cidade. Neta, bisneta e filha de escritores, Cosette era membro de família que se destacou de forma notável nas letras brasileiras. (COSETTE, 1973).

A escritora iniciou sua vida literária na década de 1930, escrevendo para jornais do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São João Del-Rei e Juiz de Fora. Ao lado de inúmeras atividades, entre as quais a de redatora das seções **Livros e Letras**, **Canto de Página** e **Rodapé Dominical**, do **Diário Mercantil**, manteve, também, durante muito tempo, a última página da revista **Alterosa**, de Belo Horizonte.

Cosette era leitora contumaz dos grandes mestres franceses do princípio do século XX, o que facilitou a sua entrada para o quadro de colaboradores da Editora Itatiaia, em Belo Horizonte (MG), onde traduziu entre outras, as seguintes obras: **A última favorita: a maravilhosa aventura de Madame du Barry**, de André Lambert;

Emma Lady Hamilton, de Frank Wilson Kenion; **Deus está atrasado**, de Christine Arnoty; **O adolescente**, de Dostoievsky; **As grandes esperanças**, de Charles Dickens; e **O último amor de Wagner**, de Gerty Colin.

Alencar teve grande influência no meio literário, uma vez que desde a infância viveu no mundo das letras e conviveu com literatos, construindo grandes amizades com escritores, críticos e poetas, com os quais manteve intensa atividade epistolográfica. Entre os destinatários de suas cartas, podemos destacar: Martins de Oliveira, Eduardo Frieiro, Edmundo Lys, Geraldo França de Lima, Laís Corrêa de Araújo e Néelson de Faria. Toda essa documentação está devidamente organizada e arquivada no Museu de Arte Murilo Mendes³, no Fundo Arquivístico da Família Alencar⁴.

A escritora não tinha simpatia pelos termos jornalista ou intelectual, utilizados por seus pares em referência à sua pessoa. Preferia ser definida como uma escriba (ROSA, 2015, p. 192).

A romancista publicou apenas um livro: **Giroflê, giroflá**, premiado pela Academia Mineira de Letras, em 1970 e publicado no ano seguinte. Outra obra de sua autoria, considerada autobiográfica, que foi intitulada **Diário de Ana** circulou como se fosse um folhetim em sua coluna **Rodapé Dominical** no **Diário Mercantil**, no período de 1966 a 1967.

Segundo Coelho (2002),

Causa estranheza que só tenha esse livro divulgado, pois a segurança, leveza e densidade de sua escrita ficcional expressam uma inegável maturidade. De linhagem machadiana, a arte narrativa de Cosette é das que, aparentemente displicente e superficial, por se voltar para os fatos mais comuns do cotidiano, na verdade penetra fundo nos interstícios das realidades em foco e ali ilumina a tragicidade oculta da alma humana. Seu personagem-narrador, Sinval Vilaflor, é um burocrata desencantado que nos faz lembrar dos burocratas que perambulam, também desencantados, pelos contos ou romances russos (COELHO, 2002, p. 144).

³ O Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) foi criado em dezembro de 2005 para abrigar a coleção de artes visuais e o acervo bibliográfico do poeta juizforano Murilo Mendes (1901-1975). Essa coleção foi adquirida da família de Mendes para a UFJF pelo governo brasileiro em 1994, época em que o presidente da República era Itamar Franco (1930-2011), um juiz-forano de coração que, a partir dessa cidade, construiu sua carreira política, sendo prefeito, governador de Minas Gerais, senador da República e Presidente do Brasil (NOGUEIRA, 2015).

⁴ O acervo dos escritores Gilberto de Alencar e Cosette de Alencar (pai e filha), doado ao MAMM em 2007, é composto por livros, correspondências e artigos de jornais escritos por eles, além de grande número de publicações francesas (NOGUEIRA, 2015).

Cosette de Alencar faleceu em 10 de julho de 1973, como exposto anteriormente. Sobre esse assunto, assim se posiciona Rosa (2015)

Nos anos finais de sua vida, Cosette prosseguiu em sua carreira de cronista do **Diário Mercantil**, embora, por vários períodos, a doença a impedisse de escrever. A crescente fragilidade de sua saúde foi comunicada por ela mesma através de sua escrita cronística. Queixou-se constantemente de problemas no fígado, porém não conseguia ficar longe das xícaras de café que a acompanhavam durante o trabalho em sua velha 'Remington'. Comentou, em 1971, que dois anos antes teve uma anemia, mas que não cuidou direito da doença. Após essa confissão aos leitores, a doença tornou-se mais cruel, aprofundando a sua natural melancolia, no entanto, fez surgir, paradoxalmente, uma Cosette esperançosa, que procurou em todos os momentos, motivos para viver. Um lema que se tornou símbolo dessa fase da trajetória da cronista juiz-forana, devido ao seu amplo uso nos seus textos produzidos no período foi: "**O importante é viver**" (ROSA, 2013, p. 282, grifo nosso).

Pode-se constatar que Cosette de Alencar, no seu romance **Giroflê, giroflá**, usa o seu lema em algumas passagens, conforme destacado a seguir: "Isto não me preocupa. **O importante é viver** a hora presente: o futuro, sempre eu o soube, não passa de uma abstração. E uma abstração em que hoje recuso-me a pensar" (ALENCAR, 1971, p. 247, grifo nosso). Mais adiante, prossegue, Alencar:

[...] apurar a razão de uma certa alegria que tenho comigo, alegria intempestiva apesar de autêntica, mas prefiro deixar tudo assim meio confuso como está. O que importa é viver, e não esmiuçar os comos e os porquês da vida. Ah, **o importante é viver**, o resto que se dane (ALENCAR, 1971, p. 85, grifo nosso).

Estas considerações biobibliográficas, aqui registradas, permitem valorizar a importância cultural desta escritora para os cenários mineiro e nacional. Na próxima seção, faremos uma revisão acerca da definição de intelectual, e como podemos enquadrar a autora de **Giroflê, giroflá** como intelectual.

2 A INTELLECTUAL

Cada dia menos tenho certeza do que seja direito, do que seja errado... (ALENCAR, 1971, p. 199)

Nesta seção, desenvolve-se uma reflexão acerca da importância do intelectual na sociedade. O **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** (2009)

afirma ser o intelectual aquela pessoa que demonstra interesse pronunciado pelas coisas da cultura, da literatura, das artes etc.

Para Norberto Bobbio (*apud* Costa, 2004) a palavra intelectual associa-se ao vocábulo russo *intelligentsia* e designa um conjunto de pessoas que tem uma determinada função e desempenham um papel específico dentro da sociedade.

Acrescenta Markus Erwin Brose (2020) que,

O termo *intelligentsia* foi registrado originalmente em publicação pelo jornalista nacionalista Karol Libelt, nos anos 1840, buscando engajar homens letrados na causa da independência da Polônia. Nos anos 1860, tornou-se um termo popular na Rússia [...] por artigos do jornalista Pjotr Boborykin, descrevendo a crescente camada social formada por pessoas com acesso à educação que moldavam a cultura e a ação do Estado e que passaram a ter percepção de si mesmas como um grupo social particular.

De acordo com Sartre (1994), o intelectual pertence a uma parcela da sociedade cuja notoriedade e relevância acontece por meio de trabalhos relacionados com a inteligência, tais como a literatura, as ciências aplicadas, dentre outras atividades.

Nessa perspectiva, Carlos Heitor Cony (*apud* Pereira, 2011) menciona que o intelectual produz inteligência, na medida em que tem uma visão própria de mundo, em que coloca a soma das informações que ele tem dos estudos que ele fez, das pesquisas e até do gosto pessoal dele.

Podemos, então, afirmar que o intelectual trabalha com a inteligência, pois tendo acesso à educação, e trabalhando em áreas relacionadas à cultura, a sua voz tem um poder de alcance muito amplo.

Ivete Lara Camargos Walty e Maria Zilda Ferreira Cury (2008), por seu turno, acrescentam que intelectual é o ser que além de observar a sociedade, expressa suas opiniões, fazendo uma leitura crítica do mundo em tudo que escreve.

Declara Fábio Pereira (2011) que a categoria do intelectual nasce no final do século XIX, na França, pois neste período um grupo de indivíduos se descola do restante das profissões liberais em busca de uma identidade própria fundada na criação de novos meios de intervenção pela busca de novos públicos e por sua contribuição à elaboração ou à difusão de novas ideologias que questionam as clivagens políticas em causa. Nesse sentido, João da Penha (2015, p. 178) afirma

que o intelectual “surge em um momento histórico marcado por crises sociais e um clima de inconformismo [popular]”.

Vale destacar que, Maurice Blanchot (*apud* NOVAES, 2006) considera o intelectual um homem das letras, ou seja, um homem que participa da vida em sociedade por meio da escrita, registrando sua posição frente ao mundo por meio de seus textos, seja como escritor, artista, político, historiador, filósofo ou sábio.

Em consonância com este autor, Cássia Aparecida Brás Araújo (2018, p. 23, grifo da autora) afirma que “a figura do intelectual abarca a ideia de uma mediação/intervenção crítica no espaço público perante a sociedade. Ele, o intelectual moderno, preocupava-se em ‘dar voz’ ao oprimido, colocava-se declaradamente como guia das massas”. Prossegue Araújo (2018), acrescentando que o intelectual é aquela pessoa que possui “a consciência das [...] mazelas presentes na sociedade moderna e a expõe na esfera pública, tendo em vista a defesa dos interesses daqueles que não possuíam tal consciência” (ARAÚJO, 2018, p. 23).

Nessa linha de pensamento, Machado (2015, p. 212) enfatiza que o termo intelectual “remete a um indivíduo dedicado sobretudo ao mundo das ideias, cuja posição ativa em relação à realidade, possibilita que ele realize uma análise ponderada e neutra de seu entorno”.

Ao mesmo tempo, Beatriz Sarlo (*apud* PEREIRA, 2011) argumenta que o intelectual deve ser obrigado a estabelecer uma relação próxima e amistosa com a sociedade, pois a legitimidade do intelectual se fundamenta na emissão de um discurso crítico, que seja compreensível pelo grande público.

Dessa forma, Renato Ribeiro (2006), evidencia:

[...] o que caracteriza o intelectual é fazer uso público do conhecimento. [...] ele deve também efetuar todas as mediações que tornam o que inicialmente seria trabalho arcano, acadêmico, fechado sobre si, voltado apenas para o avanço interno do conhecimento, em algo que passa a ser apropriado socialmente (RIBEIRO, 2006, p. 41-42).

Bobbio (1997) destaca que os intelectuais “[...] têm a missão de defender e promover os valores supremos da civilização, que são desinteressados e racionais; na medida em que subordinam sua atividade aos interesses contingentes, às paixões irracionais da política, traem sua missão” (BOBBIO, 1997, p. 32).

Explica Mannhein (*apud* Bobbio, 1997, p. 32) que

A vida política de uma nação está caracterizada pelo fato de que nela coexistem várias ideologias, cada uma das quais representativas de um ponto de vista parcial. Se não se deseja que estas ideologias contrastem entre si sem tréguas, deve-se tentar a síntese, isto é, deve-se tentar alcançar uma visão compreensiva [...] dos vários pontos em conflito. Essa síntese só pode ser obra de uma categoria que, diferentemente de todos os demais agrupamentos que produzem ideologias sociais, não tem uma composição de classe e está desancorada da sociedade, desvinculada de interesses e funções específicas, essa categoria [...] é a dos intelectuais.

Ou seja, em uma sociedade de classes, típica do capitalismo, onde a massa não tem poder de fala, é necessário a existência de um indivíduo que ofereça uma ponte entre os poderosos e os populares, esse elo é realizado pelo intelectual, pois, como considera Said (2005), o intelectual deve ser visto como “um ser colocado à parte, alguém capaz de falar a verdade ao poder, um indivíduo [...] corajoso [...] para quem nenhum poder do mundo é demasiado grande e imponente” (SAID, 2005, p. 30).

Sobre esse aspecto, acrescenta Michel Foucault (2014, p. 9) que o intelectual derivou de uma “figura histórica bem particular: o homem da justiça, o homem da lei, aquele que opõe a universalidade da justiça e a equidade de uma lei ideal ao poder [...] à arrogância da riqueza”. E continua informando que o que hoje se chama intelectual deriva do “jurista-notável e tem sua expressão maior completa no escritor, portador de significações e de valores em que todos podem se reconhecer (FOUCAULT, 2014, p. 9).

A partir do momento em que o intelectual passa a ter consciência dos problemas que afligem a sociedade, ele assume a responsabilidade de fazer uma intermediação com os detentores do poder, tentando com essa intervenção modificar o comportamento social.

Vale acrescentar que o intelectual deve agir movido por uma consciência ética, tentando melhorar as condições de vida da população. Seu papel é justamente discutir, esclarecer e denunciar tudo o que possa impedir a plenitude da vida humana, ou seja, fazer com que a sociedade seja mais justa; e dessa maneira, ser mais saudável para todos os cidadãos.

Sartre (1994) ratifica que as classes desfavorecidas precisam conhecer o mundo para mudá-lo, e o intelectual pode servir a esta transformação, levando os

desfavorecidos a ter consciência de classe, revelando-a como classe explorada e lutando contra a universalização, ou seja, contra a opressão, contra a exploração e contra a alienação de seus sacrifícios em prol do lucro da classe dominante.

Sobre esse aspecto, observa Penha (2015, p. 178), que “aquelas camadas da sociedade que tiveram condições de instruir-se, levadas pela insatisfação reinante, começam a criticar e procurar soluções para problemas de seu tempo”.

Importa acrescentar que, no Brasil, a imprensa acompanhou bem de perto todo o processo de constituição e de consolidação do campo intelectual ao longo do século XIX, desempenhando um importante papel no processo de profissionalização das atividades intelectuais, com o surgimento da chamada grande imprensa na virada para o novo século (ENGEL; SOUZA; GUERELLUS, 2015).

Dessa forma, Pereira (2011), em obra no qual faz uma reflexão acerca da construção da identidade de jornalistas-intelectuais no Brasil menciona que até a primeira metade do século XX, o jornal era visto como um espaço de exercício político e literário, e determina a figura dos jornalistas como intelectuais e afirma que pode-se entender como jornalistas intelectuais “os indivíduos que dividem a vida entre a prática nas redações e outras atividades intelectuais, como a produção de obras artísticas e literárias, o pensar crítico sobre o mundo e o engajamento em questões políticas e sociais” (PEREIRA, 2011, p. 32).

O jornalista se torna um intelectual pela maneira como o seu trabalho de difusão da cultura adquire um sentido político, quando situado no contexto da luta de classes.

É nesse contexto que a militância dos intelectuais brasileiros se fortalece e se torna cada vez mais legítima, ao se manifestar e se posicionar em relação aos mais diversos assuntos, desde as questões do cotidiano da cidade até os grandes temas que mobilizavam o dia a dia das pessoas, e passando até pelo cenário internacional, por meio de seus artigos e crônicas (ENGEL; SOUZA; GUERELLUS, 2015).

Essa afirmação é confirmada pelos registros nas crônicas de Cosette de Alencar, pois elas revelam uma preocupação com os acontecimentos da cidade de Juiz de Fora, com a situação política e econômica do país e do mundo, assim como sentimentos e reflexões sobre a vida e outras questões sociais.

Como forma de exemplificar a comunicação de um intelectual com seus leitores, destaca-se um trecho de uma crônica em que a escritora juiz-forana comenta sobre a velhice:

Pior que a morte é a velhice [...]. Um crescente e sempre mais enraizado desprezo cerca os desgraçados homens e mulheres que ultrapassam a faixa dos cinquenta anos de idade e, em muitos casos, já são considerados marginais os infelizes que vencem a barreira dos trinta. Quarenta anos, nos trópicos, significa começo de senilidade: é a idade limite para aspirações a atividades menos estéreis. Empresas particulares, tanto quanto organizações públicas, rejeitam candidatos maiores de quarenta anos, como se quarenta anos fossem fim de caminho e não o começo [...]. Ser velho, na sociedade humana atual, equivale à pecha constrangedora. Fartos estão os velhos de ouvir, em todos os tons, que o mundo é dos moços... E por quê tal afirmação? O mundo é de todos, o que pertence aos moços é o futuro, que nunca deixa de ser uma hipótese. Os moços não sabem se viverão até a idade madura, os velhos sabem que viveram e aprenderam com a vida um rol de coisas da maior importância (ALENCAR, 1970, p. 5).

A literata Cosette de Alencar utilizava suas colunas nos jornais para esclarecer assuntos de interesse da sociedade e, também para realizar críticas sobre o momento social e político. Em outra crônica, podemos ler a opinião crítica de Cosette, ao abordar a questão da democracia:

Que democracia? Com o quadro político paupérrimo de que dispomos? Com o eleitorado maciçamente analfabeto? Com a fome e a miséria que lavram no Brasil inteiro? Realmente, democracia nestas condições é anedota (ALENCAR, 1968, p.5).

Importa acrescentar que esta crônica foi escrita no período militar. Podemos observar um posicionamento político de Cosette de Alencar a respeito dos tempos difíceis pelo qual o Brasil passava. Já em 1970, ponderava Cosette sobre a velocidade com a qual as coisas estavam mudando:

O mal da época é a sua fragilidade: há um toque de efêmero em tudo que ela produz. Nada resiste aos embates do tempo, a arte é breve, a glória é fictícia, os encanamentos são excessivamente vulneráveis e até mesmo a crônica mundana, tão copiosa, está sem alicerces. Fabrica pequenas notoriedades, diariamente e enterradas todas no dia seguinte (ALENCAR, 1958, p. 2).

Cosette tinha o intuito de ver Juiz de Fora, cidade mineira, alçar-se como cidade de notoriedade, enquanto produtora de literatura e, possivelmente, alcançar reconhecimento em todo o país. Em crônica de 1965, a literata reconhece que a

criação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) poderia alavancar a cidade a uma posição de destaque.

Mesmo para mim, que ando bastante distante da movimentação sócio-cultural da cidade, é evidente que Juiz de Fora começa a sair da apatia intelectual que por tantos anos, aniquilou aqui a vida do espírito. Penso que a criação da Universidade muito contribuiu para este ressurgimento, ainda que, na verdade, outras causas tenham igualmente influído para tanto. O certo é que, de certo tempo a esta parte, a cidade ganhou impulso... agora ameaça disparar (ALENCAR, 1965, p. 2).

Em uma contribuição de Cosette de Alencar ao **Suplemento Literário de Minas Gerais**, a escritora juiz-forana comenta a respeito da situação do escritor mineiro, provinciano, pois acreditava que o fato de estar distante das grandes capitais, impedia o reconhecimento desses escritores, embora não faltasse, na visão da autora, talento aos mesmos:

E é porque, desgraçadamente, não pode fugir o escritor de Minas ao inglório destino de frustração que parece ser o seu. Frustrado sim, porque falta-lhe tudo para realizar-se vitoriosamente como profissional: não possui editoras, não possui padrinhos na corte, não possui aquele jeitinho especial capaz de anular a distância que separa a província das Gerais dos prelos badalativos da Guanabara. Ou dos prelos menos badalativos, mas ainda assim atuantes de São Paulo. O escritor mineiro só possui a seu favor uma indiscutível capacidade de escrever bem (ALENCAR, 1969, p. 10).

Para Cosette de Alencar, existia um embate entre província e capital, e o fato de Juiz de Fora ser uma cidade do interior mineiro, era um impedimento para o reconhecimento dos escritores da região. Em maio de 1968, assim se pronunciava a romancista,

Agora que ficou tão cafona ser província, morreu o provincianismo? Estava pensando nisto, concluí que a despeito de sua cafonice, a província não morre, nem morre o provincianismo. Mudam, é certo, mas não desaparecem. Somos província ainda, quem sabe o somos hoje ainda mais do que ontem? Ontem, uma pequena independência, um certo orgulho pessoal. Limitavam um tanto a imitação bastarda da metrópole: a mitologia metropolitana chegava aos arraiais provincianos tingida de sarcasmo. Havia zombaria no culto aos deuses da cidade grande. Mas, e hoje? A província acanalhou-se. Abastardou-se inteiramente. Perdeu suas graças peculiares, adotou na íntegra o “modus” metropolitano e deglute como pode esta indigesta pratada. Acho que saiu perdendo com a troca, mas outros pensarão o contrário. Em todo caso, província ainda existe, província mesmo também, não é tão mal ser provinciano. Aqui, a província ainda cheira não mais a jasmim ou flor-do-baile, mas a curral, leite, manteiga e estêrco, embora ninguém saiba porque assim seja, visto como até a manteiga que consumimos já é importada. O perfume em questão é todo simbólico, naturalmente. Não é também um símbolo a permanência da

doçura provinciana? Está na tradição e não na atmosfera (ALENCAR, 1968).

Intelectual voltada ao seu tempo, Cosette de Alencar procura, nas suas crônicas, fazer uma contextualização da situação pelo qual vive o país, além das grandes questões políticas e culturais que estão sendo debatidas no momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convivência no meio de intelectuais foi ponto importante na trajetória de Cosette de Alencar em sua carreira como escritora e cronista no **Diário Mercantil**.

Pode-se, a partir das crônicas de Cosette de Alencar, denominá-la como intelectual, pois como constatamos, em suas crônicas existe sempre um posicionamento, seja sobre a condição humana, o embate entre grandes e pequenos, capital e interior, ou seja, a cronista defende, em seus escritos valores universais.

Podemos afirmar que Cosette de Alencar foi uma intelectual, que utilizava o seu espaço no jornal, com o firme propósito de disseminar a cultura nacional, e dando um destaque importante à cidade de Juiz de Fora.

Enfim, identificar o caminho percorrido pela intelectual Cosette de Alencar em sua trajetória crítico-jornalística em periódicos mineiros é de singular importância para os estudos da historiografia literária.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Cosette de. A cidade. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 10-11 out. 1965, p. 2.

ALENCAR, Cosette de. **Ah, fragilidade...** **Diário Mercantil**, 6 fev. 1958, p. 2.

ALENCAR, Cosette de. **Do Lobo**. **Diário Mercantil**, 24 maio 1968, p. 2.

ALENCAR, Cosette de. Um homem sem medo da verdade. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 9 maio 1968, p. 5.

ALENCAR, Cosette de. Os esquecidos de Minas. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 168, nov. 1969, p. 10.

ALENCAR, Cosette de. Da velhice. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 28 jan. 1970, p. 5.

ALENCAR, Cosette de. **Giroflê, giroflá**. Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1971.

ARAÚJO, Cássia Aparecida Braz. **Gilberto de Alencar**: facas de um intelectual. Orientadora: Ivete Lara Camargos Walty; Coorientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2018.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: UNESP, 1997.

BROSE, Markus Erwin. **Intelectuais periféricos** [recurso eletrônico]: contribuições ao estudo do desenvolvimento regional. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**: (1711-2001). São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COSETTE a personalidade por literatura em 1971. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 11 jul. 1973.

COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. O papel dos intelectuais na América Latina. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 9, p. 29-56, dez. 2004.

ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flávia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Santana (Org.). **Os intelectuais e a imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACHADO, Bárbara Araújo. A função do intelectual: um diálogo entre Antônio Gramsci, Pierre Bourdieu e Edward Said. **Revista de Teoria da História**, ano 7, n. 13, abr. 2015.

MOISÉS, Massaud. **Pequeno dicionário de literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2014.

NOGUEIRA, Nícea Helena de Almeida. O acervo literário no Museu de Arte Murilo Mendes. 14. Congresso Internacional Abralic. **Anais eletrônicos**. Pará, 2015.

NOVAES, Adauto. Intelectuais em tempo de incerteza. *In*: _____. **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PENHA, João da. Sartre e a questão dos intelectuais: breves achegas para uma antiga e insolvida discussão. **Revista Brasileira**, ano 4, n. 83, abr./jun. 2015. P. 177-190.

PEREIRA, Fábio. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.

RIBEIRO, Renato Janine. O cientista e o intelectual. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. A modernidade na pena de uma literata juiz-forana (1939-1973). In: ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flávia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Santanna (Org.). **Os intelectuais e a imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. P. 187-210.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as conferências de Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.

WALTY, Ivete Lara Camargos; CURY, Maria Zilda Ferreira (Org.). **Intelectuais e vida pública**: migrações e mediações. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.